

Processos de singularização e histórias de vida dos sujeitos participantes de um projeto de extensão universitária

Ilana Assbú Linhales Rangel¹
UNIRIO/PPGM-D
SIMPOM: *Educação Musical*

Resumo: Por meio do presente artigo, será apresentado um extrato de pesquisa de curso de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGM-UNIRIO). O objetivo de tal pesquisa é conhecer, analisar e problematizar a formação possibilitada pela e na experiência de jovens participantes de um projeto de extensão universitária, de modo a identificar como cada um se constituiu sujeito a partir do vivido. Intitulado “Juventude, Prática Musical e Expressão: vivendo e criando música com jovens”, o projeto de extensão é desenvolvido com estudantes e ex-estudantes do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, o CAP/UERJ, desde 2003 e também com membros da comunidade externa a este campo. As experiências vividas no referido projeto de extensão são pautadas, dentre outros, no conceito de *processos de singularização* conforme estabelecido por Félix Guattari (1987; 2012; GUATTARI; ROLNIK, 1996), que aqui será abordado. Através da dialogicidade passado/presente revelada pelas histórias de vida dos jovens colaboradores desta investigação, pôde-se fazer o levantamento de dados necessários. O método biográfico articulado ao método cartográfico e em especial a *história de vida* (ALBERTI; MEIHY; HOLANDA) como técnica de coleta de dados, outro aspecto que aqui será abordado, organizam o desenho metodológico da pesquisa. Pretende-se que as reflexões provocadas a partir deste estudo possam contribuir para a Educação Básica informando sobre as escolhas pedagógico-musicais constituídas no ambiente escolar e sobre os processos de ensino-aprendizagem daí decorrentes, de modo que se possa refletir acerca da luta cotidiana necessária para a construção de uma educação como ato político tendo em vista um projeto coletivo.

Palavras-chave: educação musical; processos de singularização; história de vida

Singularization Processes and Life Histories of Subjects Participating in a University-Based Practicum Project

Abstract: The present paper presents a segment of a research in progress at the doctorate program in music of the Federal University of the State of Rio de Janeiro (PPGM-UNIRIO). The purpose of the study is to understand, analyze and problematize the learning experienced made possible by and in the involvement of young people in a university-based practicum project, in order to identify in which way each participant become subject from and in the lived experience. With the title "Youth, Musical Practice and Expression: Living and Creating Music with Youth", the practicum project has been implemented since 2003 with students and former students from the Lab Elementary and High School from the State University of Rio

¹ Orientadora: Mônica de Almeida Duarte.

de Janeiro (Fernando Rodrigues da Silveira Institute of Application – CAP/UERJ), and also, with some members from external community. The experiences of this project are based, among others, on the concept of *singularization processes* as established by Félix Guattari (1987; 2012; GUATTARI; ROLNIK, 1996), which will be further addressed in this paper. The analyzed data was collected through the documentation of project participants' life histories. The biographical method articulated with the cartographical method, in special *life history* (ALBERTI; MEIHY; HOLANDA) as data collection technique, assembles the research design. The ultimate propose of this research is to reflect on the daily struggles necessary for the construction of education as a political action in view of a collective project by understanding how the youth life experiences in this music project could contribute to children and youth basic education and informing about the pedagogical choices that was made in the school environment and the subsequent teaching and learning processes.

Key-words: musical education; processes of singularization; life history

1. Introdução

O presente artigo é parte de pesquisa de doutoramento em curso no PPGM/UNIRIO. Pautada nas histórias de vida dos jovens participantes de um projeto de extensão universitária, pretende-se, aqui, lançar um olhar específico sobre o modo como cada um se constituiu sujeito a partir das experiências vividas no referido projeto de extensão. A partir dos dados levantados através de histórias de vida, objetiva-se refletir sobre práticas pedagógicas que contribuam para a educação musical brasileira fazendo importante aproximação entre teoria e prática, tendo em vista a defesa da escola como espaço de desenvolvimento de uma democracia crítica, de uma prática reflexiva e, sobretudo, defendendo a escola como espaço de processos de singularização inseridos numa prática pedagógica que privilegia a interação entre os sujeitos e destes com o mundo.

Aqui será abordado o conceito de processos de singularização conforme estabelecido por Félix Guattari (1987; 2012; GUATTARI; ROLNIK, 1996) e também o desenho metodológico da pesquisa tendo a história de vida (ALBERTI; MEIHY; HOLANDA) como técnica de coleta de dados. Os pontos abordados revelam a aproximação necessária entre o foco da pesquisa e o modo escolhido para percorrer o caminho em busca dos seus objetivos.

Inicialmente, será apresentada uma breve descrição do projeto de extensão universitária para, em seguida, refletir sobre os processos de singularização nele propostos e de que maneira puderam-se descortinar as experiências vividas pelos jovens que dele fizeram parte.

2. O projeto de extensão universitária

Intitulado “Juventude, Prática Musical e Expressão: vivendo e criando música com jovens”, o projeto de extensão por mim coordenado é desenvolvido com estudantes e ex-estudantes do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, o CAP/UERJ, desde 2003 e também com membros da comunidade externa a este campo. Embasado nas contribuições teórico-conceituais de Lev Semionovich Vigotski e Félix Guattari, o projeto visa construir caminhos para a formação e a expressão musical dos jovens, considerando seus modos próprios de existir e suas aprendizagens compartilhadas, num espaço de práticas musicais onde habilidades como tocar, cantar, criar, estruturar arranjos musicais, tocar em público são desenvolvidas. Também são desenvolvidas habilidades de apreciação musical e investigativas tendo em vista a contextualização dos fenômenos musicais por meio da busca de conhecimento sistematizado, análise de dados, ressignificação e utilização de dados coletados e arquivamento. Parte também importante do referido projeto é a manutenção e divulgação do patrimônio cultural. Deste projeto de extensão surgiu o grupo musical AH! BANDA, que revela os pressupostos do projeto através das expressões musicais coletivas.

As atividades de contextualização, apreciação, criação e recriação de obras musicais desenvolvidas no projeto de extensão são inspiradas na Proposta Triangular para a Arte/Educação, veiculada na década de 1980 principalmente por Ana Mae Barbosa, o terceiro eixo teórico-conceitual do projeto de extensão. Tais atividades estão alicerçadas nas ideias de que o sujeito se constitui e constrói o conhecimento em interação social e que transforma e é transformado nas relações culturais estabelecidas entre pares que têm conhecimentos e experiências diferenciados. As atividades também se apoiam na ideia de que a escola pode criar oportunidades para que os sujeitos que dela fazem parte possam disparar seus mecanismos de diferenciação ou, como conceituou Guattari (1987; 2012; GUATTARI; ROLNIK, 1996), seus processos de singularização, entendendo que eles são necessários para que possamos produzir linhas de fuga aos modos pré-estabelecidos de expressão determinados por uma cultura de massa.

3. Os processos de singularização

As sociedades industriais desenvolvidas introduzem os indivíduos num sistema de representação do capitalismo, que imprime a todos os modos específicos de percepção, de comunicação, de relação pessoal, de autoridade, de hierarquia, etc.. E isso se dá desde a tenra infância, quando a televisão e outros meios audiovisuais, por exemplo, assumem a tarefa antes exercida apenas pelas famílias e pelas escolas, ocupando o lugar da conversa e da leitura na

produção de sentidos nos sujeitos. Muitas linguagens produzidas pelos tais meios tecnológicos estão a serviço de uma formação que modela a imaginação, impõem personagens e cenários, atitudes, ideias e ideais (RANGEL, 1998).

Mas, as escolas podem assumir importante papel na luta contra esses modos de manipulação e integração capitalista e de consumo. Sua ação estaria para além de aquisições básicas e concretas de conhecimento, principalmente na promoção do pensamento abstrato e relacional, distanciando-se da tarefa capital atribuída à escola de adaptar crianças e jovens aos valores da sociedade dominante. Guattari aponta caminhos para a escola e um deles envolve diretamente a arte.

O fato de que as crianças [os sujeitos] possam exprimir-se pela pintura, dança, canto, organização de projetos comuns, etc..., sem que o conjunto destas atividades seja sistematicamente recentrado sobre finalidades educativas clássicas (integração à sociedade e respeito aos pólos personológicos e familiares), permite ao desejo delas escapar, numa certa medida, da modelagem da libido que tende a se sujeitar à política capitalista de descodificação generalizada dos fluxos. (GUATTARI, 1987, p. 54).

Este capitalismo que se infiltra no desejo e na subjetividade dos sujeitos, que está para além da construção de significados e sentidos monetários e financeiros e está por toda parte é chamado por Guattari de *capitalismo mundial integrado*, o CMI:

(...) que não mais se apóia unicamente no modo de semiotização do capital financeiro e monetário mas, mais fundamentalmente, sobre todo um conjunto de procedimentos de servomecanismo-técnico-científico, macro e microsociais, e de meios de comunicação de massa, etc. (GUATTARI, 1987, p. 196).

O mundo contemporâneo e o CMI, apoiado pela mídia e concentrado em demasia na produção de bens materiais e imateriais, sobretudo esses últimos, sem compromisso com a consistência de tais bens, porque mais preocupado com a constituição de consumidores, têm provocado o surgimento de subjetividades vazias, sem contextualização, sem referências próprias e à medida que estas subjetividades são manipuladas vão se tornando cada vez mais sem recursos de fuga.

O capitalismo pós-industrial que, de minha parte prefiro qualificar como CMI, tende, cada vez mais, a descentrar seus focos do poder das estruturas

de bens e de serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade, por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a mídia (...) (GUATTARI, 2012, p. 30-31).

Com todos os seus produtos e formas variadas e sua visível parceria com o capital, a mídia tem ocupado um lugar essencial na moldagem do mundo. Suas ações estão no campo da política, da economia, da difusão de saberes, da socialização, da visibilidade e da ocultação, do encobrimento e da dissimulação, da doutrinação e do sensacionalismo, da produtividade e do empreendedorismo, do gerenciamento, da burocracia, da hegemonia. Trata-se da construção de uma cultura de massa a serviço do sistema capitalista de produção, que atinge muitas e muitas pessoas, produzindo indivíduos normalizados, hierarquizados, modelizados em seus comportamentos, sensibilidades, percepções, memórias e relações sociais e afetivas. Enfim, uma cultura de massa que produz subjetividade. Este é um fenômeno chamado por Guattari de *produção de subjetividade capitalística*.

A produção dos meios de comunicação de massa, a produção da subjetividade capitalística gera uma cultura com vocação universal. Esta é uma dimensão essencial na confecção da força coletiva de trabalho, e na confecção daquilo que eu chamo de força coletiva de controle social. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 19).

Contudo, uma força revolucionária de enfrentamento dessa situação pode ser instaurada e ela não está associada a novas vozes de comando e, sim, a novos modos de construir sentido e significado. Não está associada a atitudes individuais e, sim, ao campo social, onde *agenciamentos coletivos*, que são amplas estruturas e sistemas que preveem a heterogênese em todas as coisas materiais e sociais, atuam para que os sujeitos se descolem de quadros modelizadores e caminhem em direção a uma autonomia possível e a uma multiplicidade real. Essa força irá promover o que Guattari chamou de *revolução molecular*.

A tentativa de controle social, através da produção de subjetividade em escala planetária, se choca com fatores de resistência consideráveis, processos de diferenciação permanente que eu chamaria de “*revolução molecular*”. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 45, grifos dos autores).

A partir de uma revolução molecular, podemos estabelecer modos de enfrentamento da produção de subjetividade capitalística e fortalecer modos de subjetivação singulares, que Guattari denominou *processos de singularização*,

uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-lo para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade, que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 17).

Através dos processos de singularização surgirão outros processos possíveis. São rupturas, desenhos de mudança, novas coordenadas de tempo, de espaço, de consistência, de expressão e de conteúdo, que estarão na base de estruturas coletivas e heterogêneas na construção de novos territórios onde os sujeitos podem se reapropriar de seus processos de existência e construir a própria história. Na perspectiva de Guattari (1996), como já citado, as estruturas coletivas e heterogêneas não se restringem a um conjunto de pessoas, mas incluem também materiais técnicos, energéticos, espirituais, ideais, estéticos, artísticos, políticos, etc. A singularização é criadora de histórias, de novos sentidos e significados e de processos inéditos ou ressignificados. Ela pode representar a linha de fuga numa sociedade capitalista que, reforçando, nos informa como viver e nos expropria de toda vida de desejo.

Podemos nos submeter a uma subjetividade tal como ela nos é imposta ou podemos estabelecer uma relação de expressão e criação que produzirá processos de singularização e de reapropriação da subjetividade, por meio dos quais possamos organizar a vida de outra maneira, desfazendo coações que tendem a normatizá-la. Podemos construir ações que tenham processos de autonomia e heterogeneidade em sua raiz, que por sua vez dão sustentação aos processos de singularização. A autonomia se faz necessária em tais processos por significar que o sujeito tem capacidade de conduzir seus modos próprios de expressão e a heterogeneidade, por significar que somente pela diferença podemos construir uma ação coletiva. Processos de singularização não são processos de individualização, pois acontecem através de trocas, associações, agrupamentos de dimensões variadas e de diversas estratégias coletivas na tentativa de recuperar a atividade humana que seja descolada dos critérios de rendimento e de lucro.

Uma imensa reconstrução das engrenagens sociais é necessária para fazer face aos destroços do CMI. Só que essa reconstrução passa menos por reformas de cúpula, leis, decretos, programas burocráticos do que pela promoção de práticas inovadoras, pela disseminação de experiências alternativas, centradas no respeito à singularidade e no trabalho permanente de produção de subjetividade, que vai adquirindo autonomia e ao mesmo tempo se articulando ao resto da sociedade. (GUATTARI, 2012, p. 44).

O que caracteriza um processo de singularização é a capacidade que temos de com ele captar os elementos da situação e criar tipos próprios de referências práticas e teóricas, nos livrando da dependência em relação ao poder generalizado, investindo em valores próprios e na idéia de sermos seres heterogenéticos e autônomos e de “redescobrir uma forma de ser do ser (...), um ser processual, polifônico, singularizável, de texturas infinitamente complexificáveis” (GUATTARI, 1992, p. 64). Não somos todos iguais como o CMI nos faz parecer, somos atravessados por uma infinidade de referências e é nessa infinidade que se encontra a possibilidade de nos recompormos, de sairmos do círculo repetitivo e criarmos processos de diferenciação.

Assim sendo, a AH! BANDA se abre para processos de singularização nos quais a criatividade é o grande canal de desenvolvimento. Cada linha de baixo inventada, cada divise de voz ou interseção de gênero musical propostos, por exemplo, são pontos de singularidade que precisam ser ressaltados, pois caso contrário, caem em uma zona de estagnação em que são anulados. São importantes por serem representativos singulares de cada sujeito que ali está em uma tentativa de produzir meios próprios de expressão, que se convertem em expressão de um coletivo que pouco a pouco se descola das práticas dominantes.

O traço comum entre os diferentes processos de singularização é um devir diferencial que recusa a subjetivação capitalística. Isso se sente por um calor nas relações, por determinada maneira de desejar, por uma afirmação positiva da criatividade, por uma vontade de amar, por uma vontade de simplesmente viver ou sobreviver, pela multiplicidade dessas vontades. É preciso abrir espaço para que isso aconteça. O desejo só pode ser vivido em vetores de singularidade. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 47).

Por meio da afirmação positiva da criatividade, do potencial criador de cada sujeito encontramos a possibilidade de novas organizações e um autoconhecimento, que podem desencadear diferentes formas de viver a própria vida e a vida coletiva, concebendo uma outra sociedade que preserve os processos de singularização.

A pesquisa desenvolvida se dedica a tentar identificar de que maneira as experiências vividas na AH! BANDA podem ter disparado processos de singularização e em que medida tais processos fizeram parte da constituição de sujeitos participantes. Para tanto, recorreu-se à história de vida como técnica de coleta de dados (ALBERTI; MEIHY; HOLANDA).

4. O caminho das metas

Neste caminho, o foco principal é a compreensão das experiências dos sujeitos, suas histórias de vida e o significado que estes atribuem às suas ações numa perspectiva qualitativa de investigação. Segundo Goldenberg, “os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social” (GOLDENBERG, 2015, p. 54).

Trata-se de visões particulares indispensáveis para o entendimento de um grupo social, ou de uma geração, ou de um país, considerando que podem existir partículas de universalidade em cada diferença. Considerar muitas histórias para entender a história, exige do pesquisador extrema atenção e respeito ao outro e análise cuidadosa dos dados. Segundo Alberti, “admitir e considerar a pluralidade e a diversidade de versões e experiências no decorrer da análise científica resulta em um conhecimento acurado – porque cuidadoso – a respeito do objeto de reflexão” (ALBERTI, 2013, p. 33).

A subjetividade está no centro da pesquisa para a história de vida e ela se mostra essencial porque o que mais importa são as versões singulares dos fatos da vida. A história de vida independe de dados de suporte comprobatórios estando apoiada na narrativa advinda da memória, que lhe confere aspecto original e se difere de documentos convencionais. Por ser baseada na memória admite fantasias, silêncios, omissões, contornos, imprecisões e tantas outras marcas naturais da fala e é essa mesma a essência subjetiva da história de vida.

O estudo, aqui apresentado, se propôs a ir além de um levantamento de dados e caminhar na direção de uma visão subjetiva das experiências dos sujeitos envolvidos no projeto de extensão e para isso o método de história oral e, em especial, o seu gênero história de vida, aparece como mais pertinente. Para tanto foram feitas entrevistas com sete sujeitos, que fizeram parte do projeto de extensão entre os anos de 2003 e 2015, para tentar compreender de que modo as experiências vividas no referido projeto poderiam ter impactado ou não suas trajetórias de vida, tanto pessoal quanto profissional.

A entrevista desenvolvida na busca de uma história de vida, que neste estudo foi filmada para que não se perdessem as expressões corporais, que muitas vezes podem indicar a

intenção de quem fala, está para além de uma mera sequência de perguntas, se configurando numa entrevista em profundidade. E assim se desenrola um momento no qual importam a biografia e a memória do entrevistado, bem como o papel do entrevistador. De fato, a presença do entrevistador faz com que se acrescentem outras biografias e outras memórias. Desse modo, entrevistado e entrevistador moldam juntos uma visão de passado, sendo impossível uma apreciação imparcial dos fatos. É necessária uma atitude reflexiva, na qual o resultado da pesquisa, como nos mostra Goldenberg, inspirada na antropologia pós-interpretativa de Geertz, “não seja fruto da observação pura e simples, mas de um diálogo e de uma negociação de pontos de vista entre pesquisador e pesquisado” (GOLDENBERG, 2015, p. 25). O entrevistado, então, se configura como um *colaborador* que atua e opera junto ao pesquisador desde a coleta de dados até a produção de um texto final e sua apreciação, que seja capaz de dimensionar o encontro.

São três os textos produzidos a partir das entrevistas. O primeiro é uma transcrição absoluta, a tradução direta do oral para o escrito em estado bruto, que neste estudo foi feito pela bolsista de extensão do projeto. O segundo, produzido por mim após conferência de fidelidade da transcrição, é uma textualização da entrevista, de onde as perguntas são retiradas, os erros gramaticais são reparados e a ordem do discurso, quando necessária, sofreu alteração. Essa textualização é apresentada ao colaborador, que retira ou acrescenta dados em negociação comigo e assim surge o texto final chamado de *transcrição*,

um fundamento-chave para a história oral, pois, sendo ela aplicada aos estudos de grupos, comunidades e indivíduos, abandona os estritos caminhos da racionalidade e abre às convenientes dimensões subjetivas. A noção de *transcrição* ganha novos sentidos na história oral (...) como ato de recriação para comunicar melhor o sentido e a intenção do que foi registrado. (MEIHY; HOLANDA, 2015, p.136, grifo dos autores).

Esta transcrição torna-se o documento, que nesta pesquisa será analisado à luz dos referenciais teóricos que sustentam os ideais e as ações do projeto de extensão. No procedimento analítico, os dados das diversas entrevistas serão destacados em categorias relevantes que possam colaborar com os objetivos da pesquisa.

Na análise já realizada de uma das sete entrevistas pode-se encontrar pistas de como o vivido na AH! BANDA se reflete na vida pessoal e profissional do colaborador e muitas pistas também de como os pressupostos do projeto de extensão se revelam. Emergiram categorias que mereceram considerações tais como o saber socialmente produzido, o

desenvolvimento da aprendizagem em interação com pares de diferentes níveis de desenvolvimento, a criatividade, a singularidade, a coletividade, a transversalidade, o grupo sujeito. Essas categorias estão na base dos pressupostos do projeto de extensão, bem como do referencial teórico da pesquisa aqui abordada, que tem Guattari e Vigotski como tronco de sustentação. Tal análise aponta, mesmo que em caráter de conclusão parcial, para a possibilidade e necessidade de nos lançarmos efetivamente a uma proposta pedagógica musical que colabore para a abertura de processos de singularização inseridos numa prática educacional que privilegie a interação entre os sujeitos e destes com o mundo.

Considerações finais

Acredito ser importante destacar aqui a aproximação entre o foco do estudo e o caminho escolhido para tentar alcançar seus objetivos. A confluência de ideias entre os processos de singularização e a história de vida como técnica de coleta de dados, dão continuidade aos pressupostos teórico-metodológicos desenvolvidos no projeto de extensão e seguem dando voz aos sujeitos participantes do mesmo.

Em fase de textualização das entrevistas, a pesquisa já pode apontar para a importância da escolha metodológica que, em estreita relação com o objeto, promove a segurança necessária para a análise dos dados, por estar em sintonia com o caráter processual da pesquisa, que também é o caráter do projeto de extensão universitária.

Tal segurança não advém de formulação de regras ou procedimentos a serem seguidos, mas sim da proposta de assegurar a sintonia entre objeto e método, onde importa estudar o processo e seu movimento tendo o intercessor como essencial, mais do que estudar a estrutura das coisas, “de tal maneira que a realidade se apresenta como plano de composição de elementos heterogêneos e de função heterogênea” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 10).

Importante é entender a possibilidade de um método vir a ser, que está em algum lugar dentro do processo de pesquisa para ser traçado, vivenciado, percorrido e criado.

Pressupor o caráter de imanência do método, bem como sua condição de acontecimento – reavivando os elementos do fortuito e do efêmero que, paradoxalmente lhe conferem a potencialidade criadora -, nos lança em outra modulação diante do estatuto do pensamento no âmbito das práticas de pesquisa. (RIBEIRO, 2016, p. 72).

Não se trata de ir a campo sem algum objetivo prévio que se deseja descortinar, mas sim de uma atitude diante desse campo pautada na ideia de acompanhamento e de fruição de um caminho ou processo, que está para além da representação de fatos. Com tal atitude, os dados de uma pesquisa não são coletados, mas sim cultivados num contínuo movimento de idas e vindas entre experiências, teorias, histórias, análises, discussões, escritas, etc. Trata-se de assumir o caráter processual de uma pesquisa que não está garantida previamente, que exige uma produção coletiva de conhecimento e que se lança no aprendizado dos afetos e se abre ao diverso. Trata-se de produzir mais do que representar o estado das coisas, de intervir mais do que interpretar e de distribuir o conhecimento em múltiplas perspectivas mais do que centralizar. Enfim, trata-se de pesquisar a experiência e entendê-la como o campo exclusivo onde os processos de fato se efetivam.

Referências

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. 14ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações do desejo*. Tradução de Suely Rolnik. 3ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- _____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____ e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- _____. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. 21ª edição. Campinas: Papirus, 2012.
- MEIHY, José Carlos S. Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral. Como fazer, como pensar*. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2015.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RANGEL, Ilana A. L. *O som da singularidade*. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- RIBEIRO, Cintya Regina. O agenciamento Deleuze-Guattari: considerações sobre método de pesquisa e formação de pesquisadores em educação. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, volume 20, n.1, 68-75, janeiro-abril 2016.